PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

Edna Maria Lopes da Silva¹

O livro *Mulheres Públicas*, de Michelle Perrot, foi realizado a partir de uma entrevista com o historiador Jean Lebrun. Esse trabalho, representa uma significativa contribuição sobre as mulheres, no século XIX, particularmente na França. O trabalho além da introdução, está dividido em cinco partes, onde a autora destaca as temáticas: imagens, lugares, palavras, frentes de luta das mulheres e resistências às mulheres. Michelle Perrot, ao tomar por base essas temáticas, tem o propósito de tentar compreender as diferenças entre os sexos, que explode no espaço público e o lugar que as mulheres ocupam nesse espaço. Espaço sexuado em que homens e mulheres se encontram, se evitam e se procuram e em que ao mesmo tempo que regula a mulher, a exprime e a torna visível.

Em "Imagens de mulheres", primeira temática tratada por Perrot, ela inicia falando da figura feminina no cenário parisiense do século XIX. Um cenário urbano saturado de figuras femininas, através de esculturas monumentais, alegorias religiosas, cartazes publicitários ou políticos, que tomam o corpo das mulheres como suporte de suas mensagens.

No teatro, na Ópera ou no café-concerto, as mulheres também ocupam o palco. Através de uma imagem luxuosa, elegante e bela, exprimem a riqueza ou o prestígio de seus companheiros. Nos luga-

¹ Edna Maria Lopes da Silva é Mestre em Educação pela UFPB.

res múltiplos da recepção mundana elas têm a função de representação. “Espetáculo do homem, elas são também o objeto de desejo delas” (p.15).

No século XIX Paris é uma cidade onde a dança toma conta dos salões. Mas antes de ser um atrativo, lugar onde se busca o prazer, a cidade é necessidade. Imigrantes, que são gente do campo, vão à Paris à procura de emprego. As mulheres imigrantes, ou mulheres do povo, mais domésticas que assalariadas, se vêm em uma situação de maior dependência, que as transforma mais em objetos de desejo do que em sujeitos de prazer.

Diferente dessas mulheres, são as grandes cortesãs e as mulheres da alta burguesia. Estas, tinham quase um dever de beleza e obediência à moda exigente e aos costumes da época.

As grandes cortesãs, ainda que em número pequeno, assumiam um papel importante. Algumas além do dinheiro tinham também cultura. Liane de Pougy é um exemplo disso, era uma cortesã que devia seu êxito financeiro tanto aos seus romances, quanto a sua cama. “Transforma sua beleza num capital e num trunfo, num jogo onde as relações de prazer e poder se misturam constantemente (p.26).

Nada a ver com prostituição comum, que avistava as cantoras de café-concerto, as dançarinas da Ópera, as garçonetes das cervejarias ou as empregadas domésticas, entregues a si mesmas. São elas as verdadeiras “mulheres públicas” da cidade noturna, cidade que se torna hostil às mulheres solitárias.

Em meio a essa dualidade de classe e imagens das mulheres é que é gerada a “miséria sexual” que alimenta a prostituição e galanteria em Paris. “Uma cidade que assume dimensões fantásticas, imensamente infladas pelos medos higienistas e morais, em particular pelo terror da sífilis, terror das famílias” (ibid).

Descrivendo os “Lugares de mulheres”, Perrot elenca uma multiplicidade deles, alguns praticamente proibidos às mulheres- políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos-, e outros que lhes são quase que exclusivamente reservados, -lavanderias, mercados, grandes magazines, salões de chá. Aos lugares femininos, havia àqueles frequentados pelas mulheres de certa condição como os grandes magazines e salões de chá.

As mulheres das classes populares encontravam-se na rua, no mercado, nas lavanderias. Segundo Perrot a mulher do povo, é a mais 'pública' de todas, deve-se a isso, duas razões: no século XIX, as mulheres atraídas pelo mercado de trabalho das cidades, migram tanto quanto os homens; uma segunda razão que empurra as mulheres para fora de casa, são as condições de habitação, e necessidades da família. As mulheres necessitam ir para o mercado para comprar e para vender; necessitam ir buscar água na fonte e irem à lavanderia; necessitam fazer trabalhos que lhes rendam alguns trocados como entregar o pão, o leite, a roupa lavada.

No século XIX em que há divisão das tarefas e a segregação dos espaços ao seu ponto mais alto, "a engenhosidade" dessas mulheres "é a justificação de sua liberdade". "As mulheres do povo" se mantêm presentes na cidade, principalmente em tempo de crise, invadem as cidades, de forma alguma ficam encerradas no interior do lar, a rua é um corredor de circulação e também um meio de vida.

As mulheres com suas dificuldades, vão progressivamente conquistando a cidadania. Na terceira parte do livro, Perrot afirma que, mesmo excluídas da "palavra pública" as mulheres vão se inserindo em todas as formas de escrito. Primeiro pela correspondência, depois pela literatura, e por fim, pela imprensa.

As correspondências no século XIX assumem uma amplitude considerável, favorecidas pelo desenvolvimento dos correios. Receber, trocar notícias torna-se uma necessidade, e o papel epistolar das mulheres torna-se intenso. Mas ele é principalmente familiar. Acidentalmente se trata de política nessas correspondências.

Inicialmente a imprensa é um mundo masculino, de que as mulheres vão lentamente se apropriando com dificuldade. Todavia, as mulheres insinuavam-se nos jornais pelos rodapés, parte progressivamente reservadas, sob forma de crônicas de viagens e sobretudo de romances-folhetins. Através das notas de rodapés, as mulheres começam a ter seu espaço no jornal, primeiro escrevendo sobre moda, como redatoras e até como diretoras.

O jornal tornou-se um modo de expressão do feminismo. Centenas deles foram fundados entre 1875 e 1914. O jornal "La Fronde" de Marguerite Durand foi fundado, inteiramente dirigido, redigido e com-

posto por mulheres. Se dá então a entrada da mulher no jornalismo. Para algumas o romance-folhetim tornou-se o seu ganha-pão.

Na quarta parte do livro "Frentes de luta das mulheres" Michelle Perrot mostra-nos como essas frentes ou fronteiras que limitavam a vida das mesmas, movem-se ao longo do tempo, através de complexas interações em que as mulheres desempenharam o seu papel, seja de forma individual, ou coletiva. Certos terrenos são de acesso mais fácil que outros, como a saúde ou a educação e, de modo mais geral, o trabalho assalariado. As mulheres vão tornando-se as novas figuras de identidade profissional.

Foi no século XIX, que a legalidade das atividades das mulheres assalariadas entrou em debate, através de leis as mulheres casadas puderam receber diretamente seus salários.

Segundo Perrot, para as mulheres trabalhadoras não lhe foram criados postos de trabalhos com a mecanização. As guerras, longe de serem instrumentos de emancipação, foram profundamente conservadoras, pois, "recolocam cada sexo em seu lugar, reiteirando as representações mais tradicionais da diferença dos sexos"(97). Mas, as mulheres com o seu trabalho tornaram-se visíveis e perturbadoras. Souberam apoderar-se dos espaços que lhe foram confiados para alargar a sua influência até as portas do poder.

Finalmente, na última parte do livro, "Resistência às mulheres", Perrot vai mostrar como o militar, o religioso e o político constituem núcleos de poder, são centros de decisão e símbolos da diferença dos sexos. Em sua análise chega até os nossos dias para explicar porque, apesar das mulheres terem adquirido a igualdade civil, a instrução, o salariado elas ainda encontram até hoje, resistência no poder militar, político e religioso, três ordens da Idade Média.